ANO 2.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1922 N.º 394

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

POR nos parecer interessante e de flagrante oportunidade, publicamos a seguinte carta:

Sr. director — Vem o simpatico e moderno *Diario de Lisboa* associar-se a outros jornais que teem clamado no deserto pela normalização dos contractos entre proprietarios de predios rusticos e os seus rendeiros.

Muito bem! E' um acto de justiça, vulgar em v., mas muito raro hoje.

Ao assunto teem ligado a importancia que lhe merece varios periodicos. Assim não acontece com os poderes publicos.

Dir-se-ha, e eu sei que ha quem argumente que contractos são contractos, mas não se mantiveram os do proprio Estado e dos contractos tambem não é serem pagos com moeda fraca...

E' o Estado que nos está empobrecendo, porque foi ele que, aumentando a circulação fiduciaria, fez perder ás notas o seu valor intrinseco; portanto urge que ele facilite o meio de evitar que a nossa situação embaraçosa continue.

O que aconteceria se os arrendatarios não tivessem podido corresponder aos pagamentos, por se lhes haver criado uma dificuldade inversa? Que respondam todas as pessoas de boa fé. Ha proprietarios, senhor director, que nem sequer recebem o suficiente para os encargos dos predios arrendados, enquanto os rendeiros estão fazendo verdadeiras fortunas; por isso v. contribue para uma obra de moralidade, e até de caridade, se continuar pugnando pelos direitos daqueles que, sem saber como, se viram privados do indispensavel á vida.

Com muita consideração — De v., etc., *Maria do Ceu d'Azevedo Pimentel.*

***

OS intelectuais alemães, entre eles Einstein, dirigiram um apêlo ao governo dos *soviets*, para que não seja deshumano com os socialistas revolucionarios, ainda em julgamento. Quando, ainda no tempo do imperio, correu mundo a noticia de que Maximo Gorki ia ser enviado para a Siberia, os escritores, jornalistas e artistas da Europa e da America intervieram a seu favor, evitando que fôsse molestado sequer. Portugal acompanhou esse belo movimento. Não se poderia agora tentar o mesmo, a fim de que o bolchevismo se não entregue a qualquer tenebrosa scena de ferocidade?

***

O SR. Adolfo Mendez fez em tempos uma reclamação contra o bufête do Entroncamento, por lhe terem cobrado, por três cervejas, 4$00. Recebeu ha pouco uma comunicação do engenheiro chefe do serviço de movimento, noticiando-lhe que fôra atendido. O culpado foi posto na rua. Se todos os passageiros explorados procedessem como o sr. Mendez, os rapinantes dos bufêtes encolheriam as unhas deshonestas.

* * *

O GENERAL Berenguer, falando ha três dias em Madrid, no Senado, para justificar a sua acção como alto comissario em Marrocos, disse:

—«Declino toda a responsabilidade pelo que, de futuro, possa suceder no protectorado.»

Esta maneira de se acautelar, parece indicar que a Espanha ainda pode sofrer qualquer dolorosa surpresa...

* * *

O jornalista italiano sr. Alessandro d'Atri, director do *Italia Ilustrada*, encontra-se em Portugal para estudar a nossa situação politica e financeira, com imparcialidade, de maneira a esclarecer os erros e confusões que a nosso respeito circulam lá fóra. Para bem colocar o problema das relações entre Portugal e a Italia, pensa fazer, entre nós, uma conferencia a tal respeito.

COSTA FERREIRA

Um piedoso, compassivo parentesis, na desolada aridez do Comentario. Sobre o telegrama que nos anuncia a morte de Costa Ferreira (a nós, os que muito o amavamos porque muito o conheciamos), pouco a pouco se contorna, na aguda sensibilidade dos lances imprevistos, a estranha transfiguração dos espiritos eleitos. Nem o ardente e caudente sôpro das palavras; nem a nervosa e tumultuosa veemencia das atitudes, poderão comentar o telegrama. Em volta de um sarcofago longiquo, apenas flutuam, em ronda espectral de sombras, as amargas vicissitudes da terra... Apenas... Tudo quanto a vida nos oferta em batalha e em drama—fulgurações de orientes promissores, ante-manhãs inquietas de conquistas, a fé, a esperança, o esforço, a alegria, a vitoria ou a derrota—tudo veiu a estancar, em espraiado murmurio, á beira desta vida murmura, que, na nostalgia acabrunhadora da distancia, e sob um ceu de Africa de estonteantes claridades, a tragedia laçou e aniquilou.

Como uma candida flôr silvestre lentamente estiolada á mingua de agua e luz, Costa Ferreira, que era, fundamentalmente, um timido, teve que ser, forçadamente, um interventor.

Ex-abrupto, o desenrolar imprevisto dos acontecimentos conduziu a pureza quasi mistica da sua alma a um combate que ela compreendia, sim, mas não podia amar. Foi o intermino combate da sua geração. Foi o combate intermino da geração que preparou e iludiu a minha. Durante esse combate, como de um friso de pombas evoladas, quanto *espirito gentil* p'ra todo o sempre emigrou! E quantos homens para todo o sempre perdidos! Tocados de morte e incapazes de reacção, hauriram alguns desses homens, no fervor da pugna desencadeada, os germens da esterilidade e da duvida, propicio campo de ensaio, uma e outra, á *neurastenia* alfim triunfadora. Costa Ferreira foi um desses homens. *Fatalmente* teria que sê-lo, o que até certo ponto explica que ele, um sabio e um professor, não houvesse deixado a *obra definitiva* que as suas *monografias* justificavam.

* * *

Palavras de Madelin: «à une époque d'effrouyable crise, tout ce qu'ily a de trouble dans une nation, remonte à la surface, écume blanche, écume rouge, a écrit Albert Vandal». Mesmo que a vida de Costa Ferreira não fosse marcada por exaustivas intermitencias de desalento e de fé (filhas do violento combate do coração com a razão), ela teria sido abalada pelas alternativas constantes do ataque e da vigilia e pelo seu infinito horror á *écume rouge*, na qual Costa Ferreira teve de mergulhar as pobres mãos vitimadas, ao surgir e ao permanecer, *à contre coeur*, no tablado politico que em pouco tempo abandonaria. Certas crises da sociedade, no jogo das suas figuras sordidas, no despotismo dos seus processos vis e na craveira da sua ralé inçada, rolam, espalmam, esmagam, pulverisam todos os *valores intelectuais e morais* que, noutro meio e noutra época, decisivamente *marcariam*. Eu tive de lidar mais intimamente com Costa Ferreira quando, no arruino ofegante e delirante das mésinhas constitucionais, se fundou á pressa, com o rotulo bonacheirão de *conservador*, o extinto partido evolucionista, nascido numa casa de hospedes da Praça de Camões e numa pitoresca manhã de bem humorada dispepsia do meu amigo Malva do Vale. Na prateleira indistinta do marechalato, e em resignado alinho com a outra frascaria, lá fui descobrir Costa Ferreira, que, por dedicação, sacrificara a sua magnifica independencia e o seu merito real, ás decisões familiares da botica partidaria. Por lá andou tonto e vago como eu. Creio mesmo que o fizeram ministro, no momento, se não me engano, em que certos *gros bonnets* do Evolucionismo começavam a compulsar, á luz estudiosa do serão, as copiosas sebentas do dr. Assis Teixeira. Assim, quasi perdido para um trabalho de especialidade, e hoje perdido para os seus, ao atentar, agora, na minha comovida liberdade de analise e de apreciação, eu sinto—porque não confessá-lo?—os olhos rasos de lagrimas. Quanto mais não seja, pela primeira vez, a nove de Agosto e desde 1908, deixarei de receber, este ano, palavras de Costa Ferreira, daqui a dias, ai! de mim! apenas éco do mar num buzio... Memorias... Recordações... Corpos exanimes de rolas em caminhos solitarios, que nunca mais, de mansinho, eu ouvirei ruflar...

Na *Norografia* do Antero, de Sousa Martins — estudo sêco e estreito da *aguia morta* que o sabio não lobrigou na envergadura do vôo — se afirma que sempre que o meio não pode *regenerar-nos*, nos torna *infecundos*. Talvez. E' ainda ao *meio*, á sua sobreexcitação, ao seu desiquilibrio, ás suas paixões e ao seu intranquilo enigma do *amanhã*, que eu quero atribuir a *infecundidade* de tanto *talento real* de sucessivas gerações. A nossa vida publica oscila entre *extremos*, ou melhor, entre *polos opostos*. Não comporta *nuances* nem estados intermedios. Dentro de cada polo, porém, é humanamente, é fisiologicamente impossivel o *isolamento da massa* e a *abstracção do tumulto*.

A massa (uma vez procurada e por mais que a ela nos furtemos), é implacavel. Invade-nos, cinge-nos, enrodilha-nos, absorve-nos, anula-nos. O fenomeno atingiu um pouco Costa Ferreira, exposto, como nenhum outro, ao contagio fatal, pela sua sensibilidade quasi feminina. O fenomeno atingiu outros tambem, decerto mais felizes do que nós, que ainda não entrámos, — passado o «*espasmo revolucionario*» — na consciencia dolorosa da expiação. Vitimas de nós mesmos, primeiro, e vitimas, depois do choque reflexo do velho mundo em esquirolas, não julguem as novas gerações que principiam descendo a ladeira gravosa da montanha até ao pousio remançoso do vale. Não: pelo contrario, continuam subindo a ingreme encosta do Golgotha até á catastrofe proxima e suprema. Felizes, pois, os que partiram! Feliz, talvez, Costa Ferreira, sobre cujo peito d'infante — tão meigo, tão puro, tão candido foi! — comovidamente inclino a minha cabeça ansiosa, como se nele tentasse auscultar ainda o seu doce, e tranquilo, e leve arfar...

Trindade Coelho

A crise das subsistencias agrava-se quasi de dia para dia, mercê das cubiças desalmadas que enriquecem, á custa da miseria do povo.

Não se compreende que as carnes, as batatas, as frutas, as hortaliças, o peixe, o carvão, os galinaceos e a manteiga atinjam preços tão exorbitantes. Há, dentro do comercio, quem pratique este com indole de salteadores.

Não há piedade, não há mesmo a previsão das terriveis horas que se aproximam. O importante é ganhar, entesourar e expedir para o estrangeiro.

Quando chegar a tormenta, que fiquem em Portugal os desgraçados. Os vampiros por-se-hão ao fresco. Com esta moral, têm-se feito fortunas. Verdadeiros miseraveis, que há muito teriam sido enviados para a Africa como vadios, lançaram-se nos negocios.

Estão ricos!

Sugaram o sangue dos pobres, Será a justiça humana tão cega ou tão estupida que os deixe sem castigo?

* * *

EM Lisboa fala-se ás vezes de «um casinhoto» apegado á entrada do Museu Machado de Castro, em Coimbra, da direcção e do carinho do notavel homem de arte, a quem Coimbra deve imenso, e que se chama Antonio Augusto Gonçalves. As noticias referentes a esse casinhoto aparecem nos jornais subrepticiamente e em disfarçado ar de *blague*. Ha dias, contudo, podemos verificar de *visu* que de facto o referido pavilhão está ali muito mal, prejudicando a frontaria do magnifico Museu, e sem nada que pareça justificar a sua permanencia.

* * *

O SR. dr. João de Deus Ramos realizou ha pouco, na Figueira da Foz, no salão nobre da Camara Municipal e a convite da benemerita Associação de Instrução Popular, uma interessante conferencia em que se ocupou da—*Educação dos Filhos do Povo.*

* * *

O *A B C* completou dois anos de existencia. Para comemorar esta data, todos os que trabalham nas suas oficinas, administração e redacção se reuniram ontem, em festa intima, no «foyer» do teatro S. Luis. Os nossos parabens.

* * *

O *Diario de Lisboa* publicará ámanhã um artigo transcrito do jornal brasileiro — *O Estado de S. Paulo* sobre o bloco luso-hispano-americano.

* * *

O Alto Comissario de Angola, general sr. Norton de Matos, que partiu de Loanda para Katanga, deve regressar á capital da provincia dentro de trinta dias.

* * *

INFORMAM-NOS que se empregam todas as diligencias para que o julgamento dos oficiais implicados no 19 de outubro seja o mais rapido possivel.

* * *

FORAM louvados os membros da comissão que procedeu á reunião e remodelação dos estatutos do Montepio da Guarda Fiscal os srs. tenente-coronel Tito Barreira, capitão de infantaria Oliveira e Sousa e alferes Loureiro de Oliveira.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Margarida Manuel Pinto Coelho, D. Maria Vera de Castelbranco de Paiva Brandão, D. Alda Ferraz de Sousa Rego, D. Delfina Ervedosa e D. Helena Archer Guedes.

E os srs.:

Antonio de Queiroz Andrade Pinto, Frederico São Mamede, Francisco Martel Patricio e Francisco de Lemos Santos.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Clementina Tavares Valente.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» ámanhã de tarde na tradicional «matinée» do Cinema Condes e depois de ámanhã na recita da moda, do Politeama.

Casamentos

Realisou-se no dia 5 dêste mês o casamento do dr. Francisco Carlos Taborda Rodrigues da Costa, delegado do Procurador da Republica, filho do dr. José Maria Rodrigues da Costa e de D. Maria José Taborda d'Azevedo Costa, com a senhora D. Maria Margarida de Lemos e Azevedo Coutinho e Ornelas, filha de Mariano de Lemos e Azevedo Gouveia e de D. Maria da Conceição de Lemos Gouveia Figueiredo Oudinot.

Foram padrinhos por parte do noivo seu irmão José Bernardo Taborda d'Azevedo e Costa e sua cunhada D. Maria Cristina Ferreira do Amaral Taborda e Costa, e da noiva por procuração de sua tia D. Maria José de Lemos e Abaide Queiroz a senhora D. Maria Elsa d'Abreu Franco Soto Maior e o sr. dr. Pedro Augusto Franco (Belmonte). O noivo pertence á fidalga familia dos Tabordas e Azevedos da Beira, e é natural de Penamacor; a noiva, é do nobilissimo sangue dos senhores do Couto d'Azevedo e pertence á nobre Casa de Mouronho, no concelho de Taboa, d'onde é natural.

Findo o acto religioso, efectuou-se um finissimo «lunch» na residencia do irmão do noivo, o capitão-tenente da armada Antonio Emigdio Taborda d'Azevedo e Costa. Na «corbeille» figuravam valiosissimas prendas.

Os noivos partiram para o Estoril.

Em viagem

Com sua esposa, a senhora D. Dora Mornatti Trindale, partiu para a Alemanha o distinto professor de canto sr. Artur Trindale, que ha dias obteve um notavel sucesso no concerto de apresentação dos seus alunos.

— Partiu para as Caldas da Rainha a sr.ª D. Clementina Tavares Valente.

— Partiu para o estrangeiro, em serviço oficial, o major e distinto colonial sr. Tomaz Fernandes, ficando a substitui-lo, na Agencia Geral de Angola, o sr. Roberto da Fonseca.

— Com sua esposa, regressou do estrangeiro o sr. Ricardo do Espirito Santo Silva.

— Acompanhados de suas esposas, já se encontram em Cascais os srs. Bartolomeu e Frederico Davidson Perestrelo de Vasconcelos.

— Regressa brevemente do Estoril, com sua familia, o sr. Antonio Soares Leite.

— Parte hoje para o Lumiar, com sua familia, o sr. Jorge Bon de Sousa da Mota Marques.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

TAUROMAQUIA

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje o relato da corrida de ontem, o que faremos amanhã.

IODONAL

NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

CRONICA FINANCEIRA

A Questão dos Cambios na Camara dos Deputados

Honradas declarações de S. Ex.ª o sr. Ministro das Finanças — Terão caducado as autorisações parlamentares, segundo entende o sr. Cunha Leal?

Num país e numa hora de desorientação, cada qual deve na sua esfera de acção contribuir para levar ordem e serenidade aos espiritos e trazer ao país o mais depressa possivel a quietação moral de que depende a ordem publica. Por isso entendemos sublinhar o debate que, sobre a questão dos cambios, o sr. Cunha Leal levantou, e ainda bem, na sessão dos deputados, na passada quinta-feira. Com patrioticos intuitos e a intenção manifesta de investir de força o governo, o sr. Cunha Leal começou as suas considerações.

Decerto, levado pelo seu temperamento combativo, não manteve no seu discurso a serenidade que a sua situação de ex-chefe de governo e o melindre do assunto prometiam. Assim, não tardou qne não atribuisse o agravamento cambial a uma malevola rarefação da nota, por audacia de certas individualidades ou emprezas, querendo filiar nesse proposito de açambarcamento da materia circulante a afectação da circulação fiduciaria.

E referindo-se ás conferencias ultimamente havidas entre o sr. ministro das Finanças e os banqueiros dá-as por improficuas, desde que o governo não regule a mecanica da compra e venda de cambiais, explica tudo por frouxidão do governo e apresenta uma proposta com que se habilitaria o executivo com autorisações discrecionarias.

Quando a esmola é muita o pobre desconfia. E' natural que se desconfie de tanto cuidar dum membro da oposição. Outro sr. deputado desconfiou e alvitrou que não se votasse a urgencia, sem ouvir o sr. ministro das Finanças. E o que se lhe ouviu foi a recusa da força que o sr. Cunha Leal lhe oferecia.

Quem, com atenção, lêr o final desse debate, entenderá talvez mais alguma coisa—se mais alguma coisa souber—ao reparar naquela opinião do sr. Cunha Leal que registou as declarações feitas pelo chefe do governo, e afirma que, «desde que se dissolveu o parlamento, todas as autorizações dadas por ele caducaram».

O sr. presidente do ministerio declarára julgar suficientes as medidas existentes, não podendo ninguem coagi-lo a aceitar coisa alguma que não reclamou e de que não precisa.

Deve ter feito impressão a interpretação que o sr. Cunha Leal dá aos efeitos de uma dissolução parlamentar sobre autorizações lavradas pelo parlamento dissolvido. Não faltará quem se arripie com a doutrina do sr. Cunha Leal.

Mas, certo e sabido, que em politica o oportunismo é levado ás vezes muito além do que a elasticidade da arte de governar impõe, é de preguntar se o sr. Cunha Leal esteve na sessão de quarta-feira a velar pelos principios e prorogativas parlamentares, pelo legalismo, ou não esteve antes a pintar, com a ponta da sua espada francesa, o coração do governo.

Ha quem interprete a generosa proposta do sr. Cunha Leal como um habil ponto de partida para chegar a sugerir medides de que o governo se julga munido para caducarem com a dissolução do parlamento que as ortegou, e isto foi prévia e justamente para impedir o sr. ministro das Finanças de promulgar o diploma que, nos bastidores, se sabe s. ex.ª estar em vesperas de publicar, sôbre materia de cambiais, dos exportadores, sem ficar a dever ás oposições o serviço de lhe refrescar as autorizações.

Esse diploma quere atingir este objectivo: impedir a emigração, ou antes a desnacionalização do produto das nossas exportações.

S. Ex.ª o sr. ministro das Finanças, com o bom intuito de forçar a entrada d'ouro, e convergir assim a nossa balança comercial, teve a ideia de pôr em execução medidas que realizassem esse objectivo. Essas medidas seriam sumariamente estas: todo o exportador devia, para ter a permissão de exportar, obrigado a apresentar a garantia duma entidade bancaria de que ele exportador, no prazo de 120 dias (quatro mêses) entraria com 50 o|o ouro do valor da mercadoria exportada.

Cento e vinte dias parece muito tempo, e na maioria dos casos, com prazos, impugnações, consignações, insolvencias, ele, é insuficiente. Nenhuma autoridade bancaria se abalançaria a prestar essa garantia sem que o exportador lha desse por sua vez. Este tomaria quem lhe garanta que as suas transacções decorram com essa limpidez, boa fortuna e pronta liquidação. Obrigar o exportador, como queria o diploma do sr. Peres Trancoso, a, dentro dum prazo fixado, entrar no país com 50 o|o do valor vendido aos mercados extrangeiros, depois e só depois de averiguado o montante da liquidação e depois de estes realisado—sim. era viavel.

Fixar um praso para a entrega do cambial dos 50 por cento da liquidação antes desta se ter realizado e portanto sem estar assegurado, pode trazer grande perturbação ás nossas exportações. O comercio pedirá ás entidades bancarias essa garantia, os banqueiros não a poderão firmar sem por sua vez se garantirem,—visto como são os fiadores do comercio exportador para com o Estado—, as exportações paralisavam a nossa balança comercial desiquilibrar-se-ha ainda mais, o cambio receberá novo motivo para agravamento, e, esquecidas as incumpriveis exigencias da lei, sobre as entidades bancarias recairão novas acusações de que são elas que entravam na exportação, nova origem de desordem nos espiritos.

Mas. . . s. ex.ª o sr. ministro das Finanças parece não desistir de promulgar essa medida, e, muito breve, dentro de dias, senão de horas.

Ao abrigo de que prorogativa promulgaria o Executivo essa medida, sem a levar ao Parlamento?

Á sombra das autorisações que o sr. Cunha Lial lhe começou a negar na mesma sessão em que propôs que se dotasse o governo com amplas e discricionarias autorizações.

Previsto o choque que nos meiosc omercial e industrial ha-de causar essa medida, não se pode negar que o sr. Cunha Lial não tenha preparado o terreno para um debate interessante e que o coroaria de simpatias.

Nada temos e nada nos interessa a trama politica desta nova desfiada nacional. Tudo isto veiu a pêlo para registar as honradas declarações de s. ex.ª o sr. ministro das Finanças, nessa sessão dos Deputados, de quinta-feira ultima.

Emquanto o sr. Cunha Leal, com responsabilidades de estudioso da materia financeira, com responsabilidades de antigo ministro das Finanças, com responsabilidades de quem já esteve durante meses e meses tido e havido na opinião publica como um precursor radical, mercê da frase que lhe atribuiram de que, se um dia o julgasse necessario, mandava arrombar os cofres dos depositos da fortuna particular com as coronhas da Guarda Repulicana, emquanto o sr. Cunha Leal, que tinha todas essas razões de ponderação, e esquecendo mesmo averiguadas noções de dinamica financeira, atribuia o agravamento cambial e a propria inflação fiduciaria a proposito de certas empresas e individualidades, o sr. ministro das Finanças fazia estas honradas declarações, que nós, bem insuspeitos, entendemos do nosso dever registar:

«O sr. ministro das Finanças diz que não é só a especulação a origem da depreciação da moeda. Jámais fez tal apreciação.

Ela é devida, principalmente, á fuga do ouro que se faz para o estrangeiro, motivada pelas constantes perturbações que trazem o país desassocegado. São os maus patriotas os causadores da situação actual, mas tambem é verdade que todos nós temos tido momentos de desalento, em que se pronunciam palavras que podem ser consideradas como defectistas.

E' necessario punir todos aqueles que especulam, mas para isso temos não só de considerar os grandes comerciantes, que andam de automovel e têm palacios, mas tambem a peixeira e a hortaliceira.

Neste momento, quasi metade da sociedade portuguesa se levanta contra a outra metade.

Referindo-se ao projecto, diz que ele, ministro, quando precisar de poderes ou autorizações, pedi-los-há ao Parlamento.

Se o governo fala em revoluções, quando todos delas falam, é quando tem já jugulado alguns movimentos antipatriotices.»

«As conferencias que tem ultimamente realizado com os banqueiros, tem tido por fim o estabelecimento do equilibrio cambial, evitando maior depressão.

O sr. Cunha Leal—diz—aconselhou a centralização, num só Banco, do negocio das cambiais. Mas o resultado era o mesmo do que se está fazendo no pacto bancario que se estabeleceu.

Conclui por repetir que o governo não quere nem precisa das autorizações que lhe querem dar.»

Com a autoridade que nos dá a senção desta secção e a independencia com que temos apreciado os actos do sr. Portugal Durão, como ainda ultimamente na analise ao Decreto de 21 de Junho, sobre a criação das Bolsas de Cambios, confessamos ser com prazer que vemos s. ex.a pronunciar palavras de bom senso e de boa e patriotica doutrina.

A. R.

POLITEAMA

Telef. N. 3028 — Ás 21,30

GRANDIOSO EXITO com Palmira Bastos e Amelia Rey Colaço

A RIVAL

CAFÉ-RESTAURANT

LUZITANIA

20 — AVENIDA CONDE VALBOM — 22

Esmeradó serviço de cosinha — Variedade de vinhos e licores

Fornecem-se jantares aos domicilios

Telefone N.° 3.991 — *Modicidade de preço*

Os Teatros

A estreia da Companhia Italiana de Opereta

Estreiou-se sabado, no Coliseu dos Recreios, uma companhia de opereta italiana. As tradições da casa, onde nós acostumámos a vêr e a aplaudir elencos estrangeiros de grande merito, não se perderam, felizmente. A companhia é excelente, afinada, contando com optimos elementos. A *Princeza das Czardas*, opereta de apresentação, é de molde a evidenciar os recursos dos principais elementos artisticos da companhia. De mais, nós já conheciamos alguns. Dora Domar, artista lirica que no mesmo Coliseu cantou a *Traviata* com sucesso, ha déz anos; Dora Theor, primeira figura de uma companhia infantil de que ainda temos saudades; Borgeheri, o irreprehensivel e excelente tenor da companhia Caramba...

Dora Domar, que enveredou agora pela opereta, continúa a patentear exhuberantemente todos os seus magnificos recursos de cantora e de actriz; Dora Theor, pequenina sempre, de uma *aspioglería* encantadora, está uma artista feita, podendo colocar-se a par da primeira figura do seu genero; Eurico Borghesi, com o seu natural ar de distinção, está ainda em plena posse da sua vóz carinhosa e um pouco sentimental. De resto, temos de elogiar, sem favor, o comico da companhia, que é do melhor qu- temos visto.

O conjunto é bem apresentado, corpo coral interessante, com alguns palminhos de cara apetitosos e provocantes. Orquestra bem conduzida por um maestro de palmo e meio, que, nos momentos da grande instrumentaçãoa tira com a melena para os olhos, pondo-se em bico de pés para se colocar á altura da deliciosa partitura.

Pena é que o publico prefira o acre sabor da feira a estes espectaculos de arte, que fariam mais proveito ao seu espirito. Estamos, porém, certos de que, quando se conheça o valor da companhia do Coliseu, ele afluirá a aplaudir os excelentes artistas que a compõem.

Novidades para os velhos *habitués* do Coliseu: a nossa conhecida Maria Ivanisi casou-se em Veneza, retirando-se da scena. E Stepi Cilloga, a inquieta e azougada artista, que tantas simpatias deixou entre nós, anda agora pela America do Norte, com uma companhia de que faz parte Eurico Valla, seu inseparavel companheiro e actor comico da primeira grandeza.

J. S.

Atrás do reposteiro

Não é verdade que a actriz Maria de Lourdes Cabral tenha deixado de fazer parte da companhia do Chiado Terrasse. Informações oficiais dizem-nos que aquela artista está faltando desde sabado aos espectaculos, tendo enviado um atestado de doença que a autoridade e a empreza não aceitaram por ter sido entregue depois de subir o pano e não ser reconhecido pelo tabelião.

—A' empreza que actualmente explora o Chiado Terrasse não foi apresentada qualquer proposta de arrendamento daquele teatro, onde continua em ensaios a revista «Trolaró», de que brevemente se fará «reprise».

—A distinta actriz Julieta Rodrigues realiza a sua festa artistica no Chiado Terrasse na primeira segunda-feira com a revista «Tiro ao Alvo». Nesse dia estreia-se um quadro novo intitulado «A Bernarda».

—Alda Silva desempenha com muito acerto na revista «Lua Nova» os papeis de «Cantiga Nova», «Cereja» e «Feira de Agosto».

—Parece confirmar-se que o actor-emprezario Otelo de Carvalho organizará em sociedade artistica com a actriz Beatriz de Almeida uma companhia de farça e comedia que representará no Salão Foz, emquanto fizer temporada no Porto a sua companhia de revista.

—De acordo com o gerente do Eden-Teatro, sr. Jorge Grave, deixou de fazer parte da companhia que vai explorar a epoca de verão naquela casa de espectaculos o actor Artur Duarte, que foi contractado para «filmar» o papel «Daniel» das «Pupilas do Senhor Reitor».

POLITEAMA : HOJE :

◇ A RIVAL ◇

GRANDE SUCESSO

UM PASSEIO MARITIMO

Realizou-se ontem, como fôra noticiado, o passeio maritimo ao Portinho da Arrabida, promovido por uma comissão de empregados dos estabecimentos Herold, Limitada, constituida pelos srs. João Gonçalves Martins, Elias Rodrigues, João H. Carreira Pich, José Levy, Hipolito Ricoca e Carlos H. Carreira Pich.

O interessante passeio resultou animadissimo, nele tendo tomado parte muitas senhoras. Na Serra da Arrabida houve um *pic-nic*, após o qual se dançou e se fez musica. A comissão promotora foi amabilissima para com os representantes da imprensa, particularmente para o *Diario de Lisboa*, que foi lembrado em termos da maior gentileza.

O convenio luso-transvaliano

Conferenciaram hoje com o sr ministro das Colonias, sobre assuntos respeitantes ás negociações para o novo convenio luso-transvaliano, os srs. general Freire de Andrade e dr. Moreira da Fonseca, ex-governador geral de Moçambique.

Café Restaurant Roma

(Antiga Flôr de S. Roque)

100 — RUA DO MUNDO — 104

Optimo serviço á lista.

Almoços e jantares de mesa redonda.

Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées», etc.—Excelentes gabinetes.—Telefone 4:520-Norte.

—— Preços sem competencia ——

AVENIDA

Recita unica

A pedido

A maluquinha de Arroios

A'manhã — Recita da actriz **Jesunina Chaby**

A BISBILHOTEIRA

TEATRO SÃO LUIZ

Sempre ás 9 1|2 da noite

A REVISTA DE PRAXEDES

GRANDIOSO SUCESSO

Peça genuinamente portuguesa
O milagre da lampada — Portugal modernisado... á antiga
Critica espirituosa e delicada, para todos os paladares

CINEMA CONDES

Um novo episodio
dos
"Três Mosqueteiros"

E' hoje a despedida, no Condes, do 5.º episodio dos *Três Mosqueteiros*, estreando-se amanhã mais um, o 6.º, empolgante de interêsse e com o mesmo deslumbramento de *mise-en-scène*.

Tambem faz parte do programa de hoje a *Escola da Vida*, magistral interpretação da grande actriz Mary Pickford, e a chistosa comedia *Viva o box* pelo impagavel Cara Linda.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL

Séde--Rio de Janeiro

CAPITAL: Rs. 50.000.000$00

Representantes em Portugal:

PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA--PORTO--BRAGA--CHAVES

Está a pagamento o 8.º dividendo na razão de 8 0|0 ao ano, ou seja Reis, 8$000 m. b. por acção liberada, Rs. 4$000, m. b. por acção com 50 0|0 de desembolso, e Rs. 1$600, m. b. por acção com 20 0|0 de desembolso.

O respectivo pagamento efectua-se a começar no dia 17 do corrente em a n|Séde e nossas Filiais.

Lisboa, 14 de Julho de 1922

Pinto & Sotto Mayor

Nota: — **O pagamento acima efectuar-se-há todos os dias uteis das 11 ás 12 horas e das 13 1|2 ás 15 horas, contra a apresentação dos certificados de acções e respectivos recibos.**

DEPOIS DA GUERRA

A politica do Vaticano

As relações que se estabeleceram entre a Santa Sé e Moscow

O sr. dr. A. Rocha Peixoto refuta algumas considerações do jornal «A Epoca»

Sr. director: — Lá trazia a *Época* varios reparos sobre a conversa que tive com o *Diario de Lisboa* ácêrca da politica do Vaticano perante a Conferencia de Genova. Quere a *Época* dar a impressão que refuta algumas considerações minhas, não contestando, porém, a realidade eloquente dos factos.

Se não fosse uma simples passagem no final desses reparos, eu não viria ocupar-me com os mesmos. Nunca escrevo, nem falo, contando com a falta de compreensão dos outros, e assim estou certo de que basta aos leitores da *Época* e aos do *Diario de Lisboa* fazer um ligeiro e rapido confronto entre a *suite* dos meus raciocinios e esses reparos da *Época*, para apreciarem com a justiça devida ao meu modo de vêr, e fazerem o seu juizo.

O sistema daquele jornal, é, aliás — *sans rancune*, nem desejo de melindrar — bastante pueril. Consiste só em destacar uma ou outra frase dentre o que exponho e alego, dando a impressão de que esse trecho, assim posto entre aspas, é o unico argumento, e o argumento total, por mim invocado sobre certo ponto. Dizem-me que isto não deixa de ser usado em polemicas. Tanto mais inutil é demorar-me com criticas assim feitas. O publico já deve estar vacinado.

Mas ha uma afirmativa nessa local da *Época* do dia 13 que me obriga, mesmo por um dever de lealdade, a vir dar umas explicações ao *Diario de Lisboa* e aos seus leitores. E por isso aqui estou.

* * *

A passagem a que me refiro é a seguinte: «*Do* memorandum *nem uma palavra, o que é a confissão da injustiça da agressão anterior.*»

Ora vamos resumidamente aos factos. A pouco e pouco, se a *Epoca* quizer, poderá perceber porque não falei dêsse documento.

A ideia do *memorandum* veiu ao Sumo Pontifice, **depois** das suas cartas, **muito depois** mesmo. Entre esses documentos decorreu tempo, decorreram tempo e **factos.** E tambem decorreram **boatos,** boatos extranhos, constantes, boatos significativos, nada lisongeiros para a Santa Sé, mas que se harmonizavam com os factos. Sabe a *Epoca* muito bem, e todos nós o sabemos, que uma das figuras mais *interessantes* do sequito do grande sr. Tchitcherine era o sr. Pierre Pascal, francês, antigo aluno da Escola Normal, espirito inclinado ao misticismo e—pelo menos antigamente—misticamente catolico. Ainda ha quem admita que a sua conversão ao bolchevismo não o fez renegar o catolicismo. Pois dizia-se que a diplomacia do palacio da *Santa Margherita*, a vermelha diplomacia, se utilizava muito bem do misticismo do sr. Pascal...

Isto era um dos boatos. Havia muitos mais. Alguns chegaram ao meu conhecimento. E sempre só me servi do que era certo e positivo. Mas agora tenho de frizar que entre as cartas e o *memorandum* tambem decorreram boatos, embora continue a pô-los de parte.

Precisando melhor: este ultimo documento pontifical só nasceu e teve vida no desmanchar da feira genovesa, quando a insolencia bolchevista chegava ao que o sr. Lloyd George, mais o sr. Schauzer jamais calcularam. A politica russofila estava derrotada. A politica dos *business-men* de Manchester e Sheffield foi derrotada. Pouco depois iria o sr. Lloyd George dirigir, em plena sessão, vivos ataques aos *Soviets*, a ponto de ir o sr. Tchitcherine queixar-se, cheio de amargura, ao *Daily News*, da crueldade dos ataques. O sr. Barthou sorria e respirava. Havia a *volte-face*... E a politica do Vaticano acompanhou — um pouco á pressa, mal alinhavadamente, confessemo-lo— a *volte-face*. Compreenderá agora a *Epoca*, ou quererá as cousas ainda mais claras? Admitirá a *Epoca* talvez que a Santa Sé caíria em continuar sósinha uma clara orientação russofila, ali a receber sósinha as lagrimas lamentosas que o sr. Tchitcherine foi verter nas colunas do *Daily News?*

Sim, nesse *memorandum* o Vaticano já se dirige directamente ás potencias, e pede-lhes que defendam: *a)* plena liberdade de consciencia para todos os cidadãos russos ou extrangeiros na Russia; *b)* garantias para o exercicio privado e publico da religião e do culto; *c)* a re-entrega dos bens roubados a qualquer confissão religiosa. Tudo muito bem. Mas, mesmo por isso, porque razão não foi esse o texto e a doutrina da primeira carta pontificia? Porque razão não foi esse *memorandum* dirigido logo no inicio dos trabalhos da Conferencia, quando tudo era sorrisos e brindes, cortezias e vénias, em vez de se ir bulir na questão do desarmamento, e na questão das reparações? Assim, quando o *memorandum* nasceu e viveu a sua imobilidade, sob o ponto de vista de politica pratica, era perfeita. Já se sabia que a ruptura se ia dar entre Moscou e as potencias entre o sr. Tchitcherine e o sr. Lloyd George, ficando só a bôa melancolia do sr. Sabzanzer... Nessa altura o *memorandum* só servia para não ficar só da politica da Santa Sé a recordação das suas aproximações com o bolchevismo, com a politica internacional então derrotada, e a existencia fervilhante dos boatos.

Sabe a *Epoca* muito bem, e todos nós o sabemos, como esse documento pontificio causou, pela sua clara discordancia com as atitudes anteriores, uma certa surpreza dentro da Conferencia. Notou-se logo como o Vaticano, deixando tambem já de se entender com o palacio de *Santa-Margherita*, se dirigia agora ás outras potencias. E uma nota é caracteristica: o sr. Barthou acolheu o mais favoravelmente possivel a comunicação de S S. Pio XI. Eis o que é expressivo, a primeira carta foi felicitada e bem recebida pelo sr. Wirth e pelo sr. Lloyd George, o *memorandum* foi louvado e bem acolhido pelo sr. Barthou. Houve, pois, uma *volte-face*, porque entre as duas datas, houve uma... derrota. E assim o valor do *memorandum*, como documento revelador da politica no Vaticano perante a Conferencia é nulo. Estava-se no levantar das tendas. E' o documento da «*retirada*». Revela a estrategia da retirada... E tem portanto, a sinceridade propria a tais documentos...

Eu quero crer que não foi a derrota do russofilismo do sr. Lloyd George o que levou o Vaticano a voltear caminho; tambem deve ter sido a opinião publica nas suas manifestações eloquentes. Mas isso só vem mostrar como ha vantagem que o mundo catolico se interesse pela politica da Igreja, tendo o direito de se fazer ouvir, respeitosamente é verdade, mas com absoluta sinceridade.

E. finalmente, não ignora que o sr. Lloyd George, ao fazer *amende honorable* em plena sessão da Conferencia, se serviu de termos violentos e ruidosos. Evidentemente que o *memorandum* pontificio não tem esse tom, mas nem por isso perde o seu significado.

* * *

Já vê v. e os leitores do *Diario de Lisboa* que não foi por menos honestidade ou franqueza que me não referi ao *memorandum*, mas sim por não precisar de fazer maior estendal dos factos. Preferia, sinceramente o digo, não ter sido obrigado a desenvolver a pequena frase com que na minha cronica inicial aludi ao *memorandum* de SS. Pio XI. Os bem intencionados compreender-me-hão.

E agradecendo a publicação destas observações, creia-me com toda a estima e consideração, de v. etc.—*Rocha Peixoto.*

P. S.—Nos seus reparos dirige a *Epoca* a seguinte pregunta:

«Que tem a carta da Sumo Pontifice com o encontro casual a que deu logar o convite posterior do Rei de Italia para um almoço em que se juntaram Mons. Signori e o delegado bolchevista?

Evidentemente que nada. Mas que tem essa pregunta com as minhas considerações?...

R. P.

Banco Popular Português
RUA AUREA, 56 a 60

Depositos á ordem e a praso
Compra e venda aos melhores preços do mercado: Cambiais, Papeis de credito, Coupons nacionais e estrangeiros vencidos e a vencer.
TELEFONE, 3521

Teatro Chiado Terrasse
Hoje — Duas sessões
Recita dos autores da imortal e espirituosa revista

Tiro ao alvo!

Ampliada com numeros novos pela gentil «divette» popular **Adelina Feraandes** e o novo quadro

ROMARIAS

A'manhã — Festa artistica de Angelica Gonçalves e João Silva Junior

Coliseu dos Recreios

A estreia, hoje, de uma nova opereta — O sucesso da companhia italiana

O Coliseu dos Recreios, ao mesmo tempo que inaugura hoje as suas recitas da moda com a companhia italiana de opereta, dá-nos a estreia da peça de grande espectaculo, de Franz Lehar, *Onde canta a cotovia*, a que, certamente, está destinado um grande sucesso desde que os seus principais papeis foram confiados a artistas de categoria como são Enrique Borghese, o aplaudido tenor que ha anos, na companhia Caramba, obteve um formidavel exito, entre outras, nas operas *Rigoleto*, *Traviata*, etc., que cantou no Coliseu; Dora Domar, que igualmente no Coliseu cantou com notavel sucesso as mesmas operas; Dora Théor, que foi *estrela* da companhia infantil, que tanto agrado causou em Lisboa e Armando Gianni, comico de grande merito, cuja fama já hoje corre nas principais capitais estrangeiras.

Com tais elementos, acrescidos de outros tambem de valor e de um magnifico corpo coral e de baile, é de esperar que a companhia Pancani, cuja apresentação deixou no publico a melhor impressão de agrado, ouça hoje novos e fartos aplausos, justa recompensa do seu magnifico e correcto trabalho.

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

LYOL

(Topico oxygenado)

CURA:

FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:
LISBOA — R. N. do Almada, 88
PORTO — R. dos Clerigos, 36

AOS CAPITALISTAS

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES encarrega-se da colocação de capitais com garantia, e sem encargo algum para o capitalista.

Calçada do Sacramento, 14, 1.º

EM ARMAZEM

Serras de fita ou sem fim e de rolos.
Serras circulares.
Charriots.
Plainas combinadas, simples e de 4 faces.
Maquinas universais para carpintaria.
Maquinas de furar e rasgar madeira.
Maquinas de moldar.
Garlopas. Maquinas para afiar laminas de garlopa.
Fitas de serra e laminas circulares.

John M. Sumner & C.º

SUCESSOR

JOSÉ J. TEIXEIRA

29—Avenida da Liberdade—37
LISBOA

A TRAVESSIA AE

COMO NÓS DESCO

A CHEGADA DO CRUZ
LOGARES SANTOS DA

Uma recepção tocante de sinceridade e adoravel de simplicidade
em terras de Santa Cruz -- Uma velhinha portuguesa

Porto Seguro... junho—*A bordo do cruzador «Republica».*—O oficial que saiu ontem de serviço á hora da faina registou, como de costume, o seu quarto no *Diario de bordo:*

Mau tempo. Aguaceiros. Ceu forrado. A's 4 h. 45 m. marcou-se o farol de Belmonte por 45.° para ré do través, marcando o odometro 363',2. A's 7 h. 10 m. parou a maquina, metendo-se o pratico. Odometro dentro com 593',2. Alvorada ás 5 h. Ao amanhecer começou-se reconhecendo a terra...

E' nesta linguagem nautica e simples, que para muita gente deve parecer uma charada em verso branco ou uma inscrição egipcia do tempo da gloriosa rainha Nitocris, que a bordo se tem registado toda a escala emotiva desta viagem. Foi nesta linguagem, em que mal transparece a alma simples e boa dos marinheiros, que se registou a chegada do *Lusitania,* de gloriosa memoria, áquele cemiterio misterioso e profundo do Penêdo de S. Pedro; foi nesta linguagem que ficou para a historia do navio aquela noite de ansiedade, em que todos julgavamos os aviadores irremediavelmente perdidos e perdido para sempre o seu lindo sonho de gloria; foi nesta linguagem que se traduziu aquela hora de intensa alegria em que o *Farey 17* foi avistado por cima de Olinda, voando já triunfalmente sôbre o continente brasileiro; foi nesta linguagem que o *Diario de bordo* registou ontem a nossa chegada ao porto onde Pedro Alvares Cabral, ha quatrocentos e vinte e dois anos, abrigou os seus navios da ventania rija de nordeste.

A's 7 h. 10 m. o *Itapitanga* baloiçava fortemente á superficie da vaga, pela amura de estibordo. Não foi sem dificuldade que mestre Antonio do Sacramento—assim se chama o piloto—saltou ligeiro para dentro do navio e nos apresentou, efusivamente, os seus cumprimentos de boas-vindas.

—A' meia noite, disse-nos ele, já a minha patrôa estava em cuidado, não fôsse o navio chegar mais cedo e com falta de piloto... Recebeu-se um telegrama da Baia... Ninguem esperava... Nem tive tempo de tomar café... A sr.ª professora e a filha do sr. coronel nem pregaram olho... toda a santa noite a fazer uma bandeira portuguesa... Só havia uma desenhada num livro antigo e era do tempo da monarquia... Mas tanto procuraram, até que encontraram lá, numas folhas de historia, um desenho da bandeira nova...

—Foi então uma surpresa, mestre Antonio...

—E', senhor. Navio português!... — e alonga o olhar, num mixto de alegria e de saudade—toda a gente está lá em terra, ansiosa por ver... Não ha memoria de ter vindo aqui um navio português... Dos vivos ninguem se lembra...

—Somos então os primeiros, depois de Pedro Alvares Cabral... — dissemos a rir.

—E', senhor—respondeu ele.

O imediato Vilarinho, depois da manobra de lançar ferro, bem disposto e sorridente, disse cá para cima, para a ponte de comando:

—Sinto-me João de Lisboa... O comandante Muzanty, alongando a vista pela faxa de terra maravilhosa que se estendia aos nossos olhos pela primeira vez, tinha vagamente o ar descobridor de Pedro Alvares Cabral...

* * *

A povoação de Porto Seguro, que se estende, numa fita branca, ao longo da praia, dá-me a impressão de que se abre num sorriso e se entrega toda aos marinheiros de Portugal.

São aproximadamente 400 casas com 3.000 habitantes. A' direita, numa elevação de terreno que se prolonga, em varios tons de verde, até á vila de Santa Cruz, ergue-se uma igreja toda branca como as igrejas de Portugal e ao lado uma cruz de madeira abre os seus braços, longos como a dôr de Jesus, em frente do mar.

Para o interior estende-se a floresta imensa, profunda, misteriosa. E é tão profunda como aquela floresta a nossa emoção, que se vai tornando maior a medida que nos aproximamos de terra, á medida que os nossos olhos vão poisando suavemente sobre a maravilha da paisagem—a primeira que os portugueses avistaram em certa manhã de abril e não de maio, como erradamente anda na Historia.

Foi em 22 ou 23 de Abril que Pedro Alvares Cabral, acossado pela tempestade, se refugiou na pequena baía que depois tomou o nome de Porto Seguro e ali passou alguns dias abrigado da ventania desabrida de nordeste. Desembarcou? Não desembarcou? Afirmam os de Porto Seguro que desembarcou ali, naquela praia, onde vultos perpassam, alvoroçadamente, á primeira luz da manhã, para ver um navio que vem de Portugal, de onde partiram as primeiras naus para a descoberta do mundo.

Mais tarde, no dia 3 de maio, os seus navios seguiram para o norte, ao longo da costa, e os primeiros portugueses desembarcaram numa enseada de aguas encrespadas pelo nordeste, que dá pouco abrigo á navegação e muito menos ao «Fairey 17», que já não pode fazer ali a sua amaragem, como desejava o comandante Sacadura Cabral. E aquela enseada se ficou denominando a baía de Cabral.

Foi no topo do monte onde hoje se levanta a pequena povoação de Santa Cruz que os portugueses fincaram o padrão da descoberta e foi á margem da baia que levantaram uma cruz de madeira, tosca como a rudeza seiscentista da sua alma de marinheiros. Essa cruz não poude resistir á acção corrosiva da chuva e do vento e foi, de tempos a tempos, renovada pela carinhosa piedade dos frades capuchinos, que ali prégaram ao gentio, durante largos anos, o verbo profético de Deus.

Mas porque um certo conde de Porto Seguro quizesse para o seu condado a gloria de ser a primeira terra do Brasil que os portugueses pisaram, logo imaginou um plano de ataque e foi, pela calada da noite, com algum gentio, roubar a memoria que Pedro Alvares Cabral ali deixou. E' o mesmo padrão, de pouco mais de um metro de altura, que hoje se ergue ao pé da igreja da Senhora da Pena, a dois quilometros da praia,

E é assim que a historia da descoberta anda na tradição oral da gente de Santa Cruz. Mas se ouvirmos alguem de Porto Seguro, no mais honesto proposito de fazer luz sobre o cone de sombra projectado pela historia, o caso já muda de figura:

—Foi em Porto Seguro que os portugueses desembarcaram pela primeira vez. Os de Santa Cruz querem, na verdade, roubar-nos essa gloria... mas lá está o padrão, que não mente...

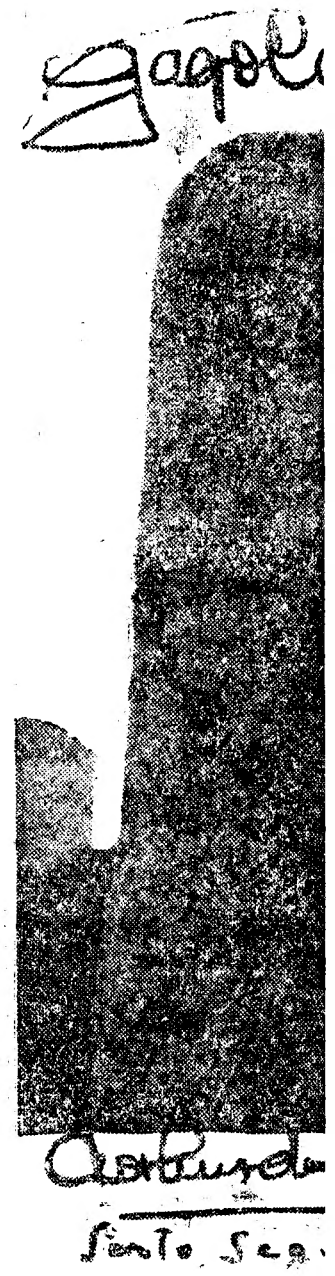
Ora os de Santa Cruz dizem que o padrão foi uma certa noite...

E anda já esta luta acesa entre as duas povoações, não se sabe ha quantos anos. Vai-se transmitindo de geração em geração, de pais a filhos e de filhos a netos, como uma doença contagiosa, de tal sorte que a gente de Santa Cruz olha sempre de través a gente de Porto Seguro.

Foi até hoje a demonstração mais frisante de nativismo que encontrei no Brasil...

* * *

Ainda o comandante Muzanty não tinha desembarcado, com o tenente Quintanilha, o Tomás Colaço e o enviado especial do *Di...*



O padrão da descoberta do B
em Porto Seguro—(*Fotografia g*
«Republica»,

A chegada ao Rio de Janeiro—*Os aviadores na lancha do ministro da Marinha ao atracar na praça de Mauá. Ao lado de Sacadura Cabral o sr. José Augusto Prestes, sogro do sr. dr. Macedo Soares*

de Lisboa, e já em terra subiam ao ar n
rosissimos foguetes, que iam acordar ao l
o eco da floresta baiana.

Ao longo da praia, as criancinhas d
cola, formadas duas a duas, com os seus
tidinhos da mesma côr a uniformisar o bu
so grupo e um sorriso de ingenuidade a
lar-lhes nos labios inocentes, manifestav
sua alegria dando vivas a Portugal, que
mandante Muzanty retribuiu com um viv
tusiastico ao Brasil.

Desembarcámos do gazolina para a c
esguia, cavada num tronco de *jacarandá*
nos deixou na praia histórica de Porto S
ro, muito alegre e toda guarnecida por
fita de casinhas brancas e de coqueir
juís de direito, o sr. Abdon Afonso, muit
lene dentro do seu *frack* cinzento, com
até ás lagrimas, recebeu-nos com tanto
roço e com tanto carinho como se foss
os portadores da misteriosa pedra filo
qu do maravilhoso elixir de longa vida.

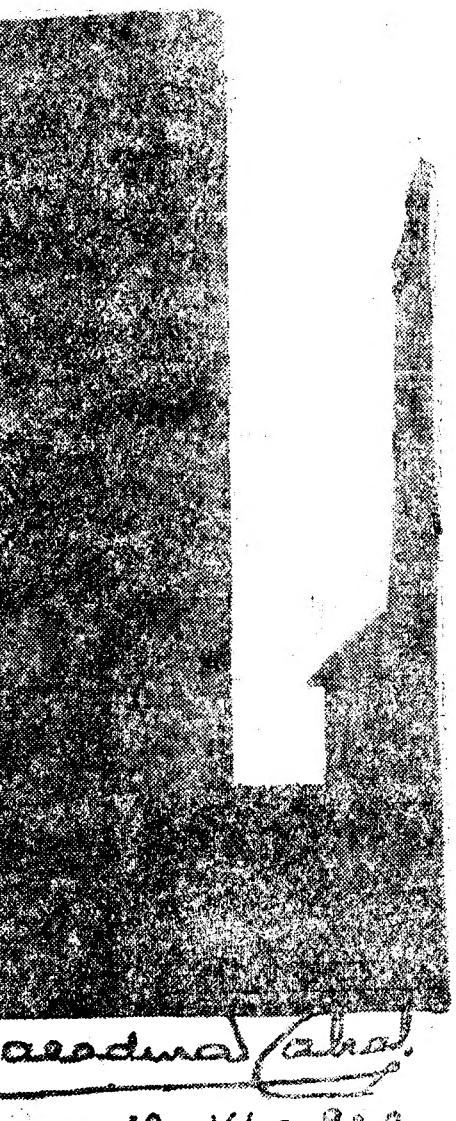
Um habitante de Porto Seguro, em

EA DO ATLANTICO

BRIMOS O BRASIL

DOR "REPUBLICA" AOS ISTORIA DE PORTUGAL

No logar onde Pedro Alvares Cabral desembarcou, pela primeira vez que recorda o nome da sua Patria com infinita saudade



...asil, *junto da igreja da Senhora da Pena, ...tilmente cedida pelo guarda-marinha do ... Gabriel Antonio Prior)*

deslumbraram o mundo com a gloria, o valor e a audacia dos seus conquistadores. Os brasileiros orgulham-se de ser filhos dos portugueses e eu proprio sinto correr nas veias o sangue generoso de Portugal. Eu vos saudo, entusiasticamente, em nome desta cidade santa, que foi a primeira faixa de terra brasileira que viu os marinheiros de Portugal.

Em frente do mar, e em frente da grandeza impressionante da floresta baiana, tendo-nos colhido de surpreza, a palavra eloquente do dr. Abdon Afonso deixou-nos a enternecida impressão de um grande abraço dado por uma pessoa querida de familia que não viamos ha muitos anos. Foi uma recepção tocante de sinceridade e adoravel de simplicidade. Algumas pessoas choravam.

O comandante Muzanty, preso de uma grande comoção, agradeceu, em nome de Portugal e, em nome dos marinheiros de Portugal, a galharda hospitaleira recepção que a cidade de Porto Seguro acabava de fazer aos portuguezes. Terminou assim:

—Beijando estas crianças, que vieram receber-nos com tanto carinho, beijo enternecidamente a alma do Brasil.

Os vivas e as aclamações andavam no ar, a encher de ruidosa alegria a atmosfera perfumada do Brasil.

—Chegaram os portuguezes!

E esse grito andou de boca em boca, ligeiro como uma flecha, e este admiravel povde Porto Seguro correu á praia, alvoroçadamente, a receber os portugueses.

—Não vieram todos os habitantes,—disse o juiz de direito,—porque á hora da noite a que recebemos o telegrama era impossivel tornar conhecida de todos a boa nova. Mas vieram os necessarios para vos demonstrar como o nome de Portugal é adorado por todos nós. Os brasileiros são portuguezes pelo sangue e pelo coração.

O cortejo encaminha-se para a casa da escola. O comandante Musanty vai entre duas bandeiras do Brasil, que as duas pequenas mais crescidas seguram, muito orgulhosas da sua missão de guarda de honra.

O edificio fica ali a dois passos e tem no alto a bandeira portugueza que as senhoras de Porto Seguro fizeram apressadamente para receber os que vieram de longe anunciar a visita do hidro-avião.

Na sala modesta e simples onde fomos recebidos, tendo numa das paredes os retratos do ultimo imperador e da ultima imperatriz do Brasil, o dr. Abdon Afonso usou novamente da palavra para saudar mais uma vez, com todo o entusiasmo da sua alma cheia de bondade, o nome de Portugál.

O comandante Musanty disse então:

—Senhores: Nós somos apenas os mensageiros dos dois gloriosos aviadores que dentro de breves dias hão-de voar triunfalmente sobre esta mesma baia que ha quatrocentos e vinte e dois anos foi sulcada pelos navios de Pedro Alvares Cabral. Guardai, portanto, para eles todas as vossas aclamações e todo o vosso entusiasmo. O seu formidavel empreendimento, que tem o mundo inteiro tomado de assombro, bem merece todas as manifestações de alegria e de carinhoso acolhimento da alma brasileira. Em nome da guarnição do cruzador «Republica» e em nome de Portugal, eu vos agradeço infinitamente a hospitaleira recepção que acabais de nos fazer.

Os vivas, as palmas, os aplausos confundiram-se num unico viva, que foi soltado ao mesmo tempo por todas as bocas, numa rajada indescritivel de entusiasmo: «Viva Portugal!» Todos os olhos estavam rasos de lagrimas e todos os labios resavam a mesma oração do santificado amor da Patria distante.

* * *

E como me sinto feliz por ter encontrado em Porto Seguro um exemplo vivo desse amor, que os anos tornaram ainda mais fervoroso e mais santo.

E' uma doce velhinha de 78 anos, que tem o cabelo todo branco e tão liso como uma estriga de linho. Chama-se Juliana e nasceu em Amarante.

Aos dois anos, quando os seus olhos mal tinham noivado ainda o ceu de Portugal, veiu para o Brasil com sua mãe, que dorme o ultimo sono ali, no pequeno cemiterio, pitoresco e lindo, ensombrado pela rama das palmeiras. O pai morreu-lhe na guerra da Patuleia, quando ela veiu ao mundo.

Casou em Porto Seguro e aqui teve os seus amores e aqui lhe nasceram os seus filhos e aqui lhe morreu mais tarde o marido.

Aproximou-se de nós, numa comoção que a fazia tremer como um junco balouçado pelo vento e tomou-nos as mãos nas suas mãos de pergaminho, uma caricia branda:

—Meus patricios! Meus queridos patricios!

Tirou depois do seio um lenço onde tinha embrulhada, muito bem embrulhadinha, uma velha certidão de idade, preciosa reliquia do seu nascimento, que ela não troca por todas as riquezas do mundo.

—Vejam aqui, se não querem acreditar... Nasci em Amarante e chamo-me Juliana...

—Ainda se lembra da sua terra, avósinha?

—Não... já não me lembro... Mas era a maior felicidade que eu podia ter, se voltasse um dia a Portugal!

Santa velhinha, que guardas no altar das tuas melhores recordações o ceu azul de Portugal, ajoelho e beijo-te as mãos, enternecidamente, piedosamente.

Transcrevo ainda do *Diario de bordo:*

Tempo regular. A's 12 h. 5 m. tocou á faina, suspendendo e seguindo o navio a vante, pelo canal, entre os recifes do porto e sob as indicações do pratico, a fim de demandar a baia de Cabral. A's 12 h. 50 m. avistou-se a Cruz colocada por Pedro Alvares Cabral, a quando da descoberta do Brasil, á margem daquela baia. A's 13 h. 5 m. virou-se ao sul, contornando a costa e demandando o fundeadouro de Porto Seguro.

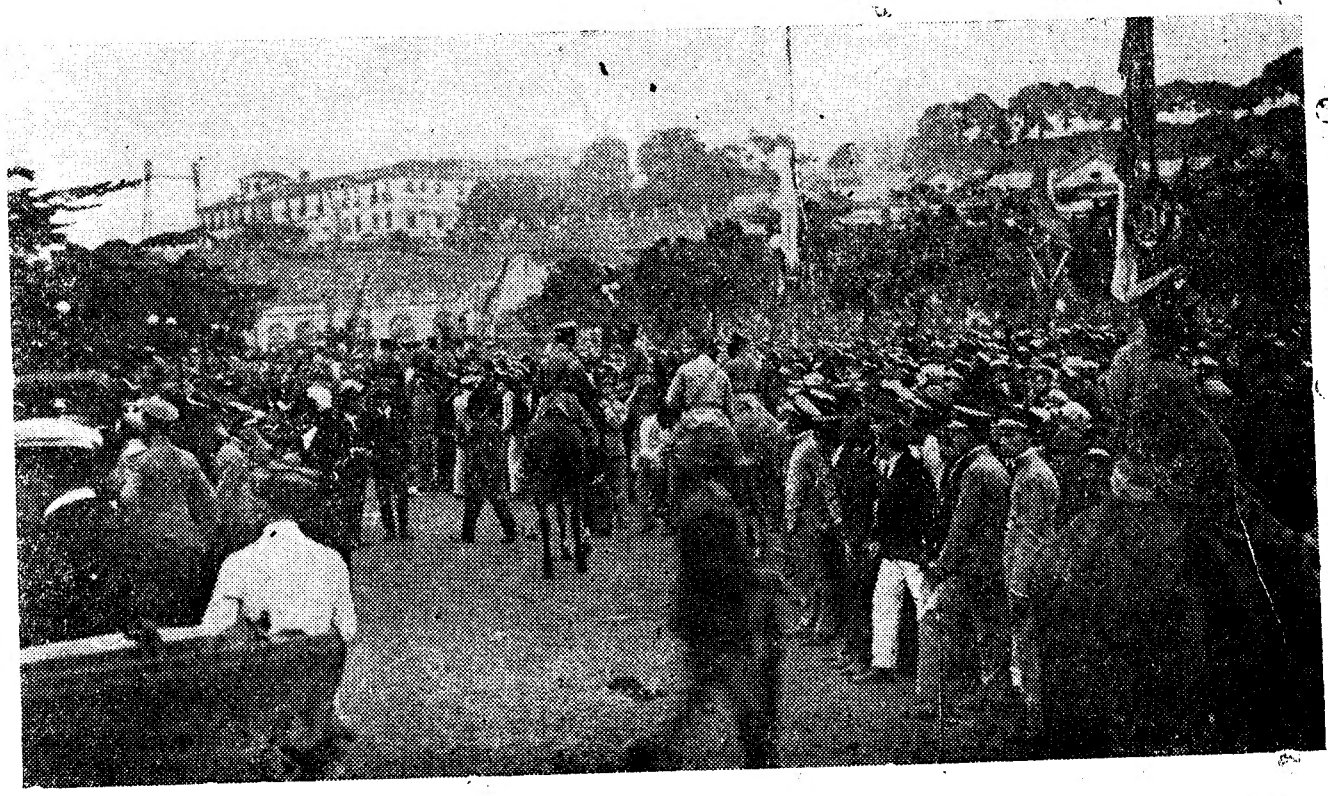
A fita verde da paisagem vai correndo — a 13 milhas á hora — deante dos nossos olhos maravilhados pela exuberancia da flora tropical.

Na margem da baia, a Cruz da descoberta, renovada pela piedosa solicitude dos frades capuchinos, marca um dos logares santos da nossa historia. Foi ali que Pedro Alvares Cabral desembarcou; foi ali que os portugueses iniciaram a descoberta deste continente rumoroso, de florestas virgens e de rios misteriosos, «onde á noite a sornina chora a sua viuvês»; foi ali que o padre Coimbra rezou a primeira missa, em meio da surpresa e do respeito instintivo do gentio; foi ali que os nossos marinheiros dormiram o primeiro sono, depois de vogarem longos dias á superficie do Oceano, embalados pela canção misteriosa do Atlantico.

Contemplo, religiosamente, os logares santos da Historia de Portugal. Diante dos nossos olhos perpassam, numa evocação de gloria, esfumados pela bruma dos seculos, os grandes vultos do ciclo maravilhoso dos descobrimentos.

Voltámos a Porto Seguro ao cair da tarde. O mar, no seu constante movimento de vai-vem, rebenta na praia orlada de coqueiros e espalha-se numa toalha alviuitente pela fita branca da areia...

Norberto Lopes



«Fairey 17» no Rio de Janeiro — *A multidão aguardando, na praça Mauá, o desembarque de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, contida a custo pela força publica*

CONTENTE, L.DA

CALÇADOS CHICS

RUA DO CARMO, 74

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA — LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Tintas e material para :—: desenhadores :—: | Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho | Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

Executam-se trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragens a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38—LISBOA

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel. 65.

SOLANO

O MELHOR PRODUTO PARA LIMPAR METAIS

Vende-se em toda a parte

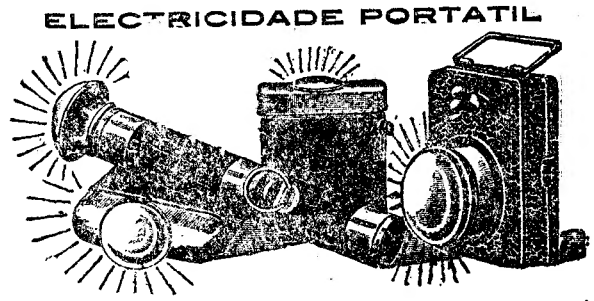
DEPOSITARIOS

Figueiredo & Telles L.da

Rua Alves Correia, 45, 1.° - LISBOA

TELEFONES { 3156 / 3697 } NORTE

ELECTRICIDADE PORTATIL



Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO — Rua Augusta, 72 e 74 LISBOA

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

Aos srs. fabricantes de tecidos

Tira-tacos, crôno bufalo—**Correias para trasmissão**, todas as medidas—**Manchons Cannelés**—**Tacos**—Atilhos, etc., etc., dos fabricantes:

Theodore Houben Verviers—Belgica

Agente no Sul de Portugal;

VASCO CARMO — Travessa do Corpo Santo, 21 — LISBOA

Os melhores preços e condições de venda

ELECTROSYDERS, para alvejamento do algodão

COKE DE COZINHA
CARVÃO DE AZINHO
LELHAS SERRADAS

DISTRIBUIÇÃO ao domicilio e nas linhas de Sintra e Cascais. Vende mais barato

LUÍS DE OLIVEIRA SILVA — Cruzes da Sé, 19, 1.°

Telefones { 4169 Central / 1946 Norte / 3523 Norte

ANIBAL NEVES, L.DA

Rua da Prata, 242|48

LISBOA

Telefone N. 3040 — Teleg. VAPOR-LISBOA

Maquinas

Ferramentas

Materias primas

para todas as industrias

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ — LISBOA — CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: { PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

MOBILIAS E ADORNOS

BIZARRO DA SILVA L.DA

R. AUGUSTA. 82 e 84 -- R. CORREEIROS, 21 e 23

TELEF. 2533

MOBILIAS em todos os estilos, carpetes, rideaux, brise-brise, passadeiras, oleados, panos de mesa, maples.

Embalagens para a Provincia e Africa

Pessoal habilitado

Preços sem competencia

TABACO

Holandês legitimo e Belga

Importadores

PEREIRA & C.A, L.DA

R. DA MADALENA, 113, 2.°

Dentes artificiais

BERNARDINO NUNES

- Rua da Palma, 40, 1.°

Muito mais baratos, de origem alemã e ::importação directa:: Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou ::::::: consulta :::::::

Para o Rio de Janeiro

Para o Rio de Janeiro sairá a 20 de Julho o «Pedro Nunes».

Para os poucos logares de passageiros ainda disponiveis, dirigir-se em Lisboa ao Comissariado Geral do Governo na séde da Sociedade de Geografia, rua Eugenio dos Santos. No Porto ao delegado do Comissariado Geral, no Palacio da Bolsa. Aos senhores expositores é dada a preferencia na compra das passagens, com uma notavel redução no seu preço.

CARVÃO VEGETAL-COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119

VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS

FRANCISCO LEITÃO & C.ª Fº

RUA DA COSTA 8, LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

UMA OUTRA CONFERENCIA

Para resolver o problema financeiro

Os Estados-Unidos assistirão

LONDRES, 17.

Afirma-se que, logo em seguida á entrevista que brevemente haverá entre Lloyd George e Poincaré, será convocada outra conferencia.

Todas as potencias aliadas tomarão parte nela, inclusivamente os Estados Unidos.

O seu fim é estudar em todos os seus aspectos o problema financeiro, cuja solução ficou na altura em que o deixou a comissão de banqueiros, quando se não chegou a um acordo para a realização dum emprestimo internacional.

A politica britanica continua sendo a mesma de então.—(Diboa).

SÓ NUMA REGIÃO DA RUSSIA

ha um stock de 1.500:000 toneladas de carvão

GENEBRA, 17

O perito economico, João de Luberzac, enviado recentemente á Ukrania pelo dr. Hansen, acaba de publicar umas informações notaveis sôbre a situação da industria mineira na região do Donetz.

As minas, diz ele, são exploradas febrilmente, ás vezes á custa da sua conservação, pois o seu fim principal é extraír todo o carvão possivel.

Acumulou-se um stock de mais de um milhão de toneladas de antracite, e mais de 500 mil toneladas de hulha.

Ainda não foram tomadas providencias para transportar e vender esta enorme reserva, que aumenta diariamente.—(*Diario de Lisboa*).

Admite-se a hipotese de que os Hohenzollern voltem á Alemanha

BERLIM, 17

O Reichstag aprovou, em segunda leitura, a lei de Defesa da Republica. O artigo 14 prevê o regresso dos Hohenzollern á Alemanha.—(*Diario de Lisboa*).

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

AS REPARAÇÕES DA GUERRA

O problema alemão

Vão ser regulamentadas pela Inglaterra e pela America as dividas inter-aliadas

A comissão de reparações respondeu á Alemanha que admitia a opinião de que os pagamentos teem contribuido para baixar a cotação do marco. Não obstante, não a dispensam de entregar ámanhã 32 milhões, conforme o Reich solicitára, e quanto á moratoria poderá vir a ser concedida mediante determinadas condições, diversas e rigidas, que limitam de certa forma a soberania do Reich.

Esta parte da resposta é bastante vaga; poderá ser interpretada mais ou menos á certa, submetendo a Alemrnha a um regime de fiscalisação mais ou menos rigoroso. Isto dependerá do acôrdo a que chegar depois a comissão de repasações.

O representante britanico era de opinião que a Alemanha devia ser dispensada de entregar amanhã os 32 milhões de marcos ouro; no entanto, acabou por deixar prevalecer o criterio francês e belga. E' já um indicio de que a Inglaterra está disposta a ser muito mais tolerante do que a França, o que em materia de reparações sempre se tem verificado. Mas as disposições das duas nações teem hoje muito maior importancia, porque está chegando o momento em que não poderá afastar-se mais a regulamentação definitiva das reparações.

Se se confirmar uma noticia vinda de Paris, a Inglaterra prepara-se para destruir todos os argumentos da França e a obrigar a ser menos exigente com a Alemanha, anulando as dividas que tem sobre ela e levando talvez a America a fazer o mesmo.

Parece que o proposito de Lloyd George é enviar uma delegação á America, declarando que a Inglaterra vai pagar-lhe as suas dividas, para o que contrairá um emprestimo interno. Ao mesmo tempo apresentará ao parlamento uma proposta para anular as dividas da França, o que naturalmente será comunicado á America.

Se as coisas se passarem assim, é quasi impossivel que a America não siga o exemplo da Inglaterra. E' mesmo natural que uma medida desta natureza arraste a regulamentação de todas as dividas inter-aliadas, quer pela anulação, quer pela redução.

Mas ainda que se não chegue a este grande objectivo, ter-se-ha dado um grande passo para terminar esta infindavel questão das reparações por dois motivos que se reduzem a um: a França verá aliviada a sua critica situação financeira, que é afinal a causa irredutivel da sua intransigencia.

Telefone C. 3033 — SOUZA, MOURA & C.ª, L.da — End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

A Sociedade Portuguesa de Administrações
VENDE:
Optimos terrenos e barracões á Junqueira para oficinas e armazens, bons terrenos para construção no Parque Eduardo VII, calçada das Necessidades e Estoril, junto ás termas, e predios:

Rua do Alecrim, tornejando para a rua do Carvalho, 41.
Calçada Castelo Branco Saraiva, tornejando para a rua dos Cordoeiros.
Rua das Amoreiras, 20.
Rua Avelar Brotero, 6.
Avenida dos Estados Unidos da America, A. L. F.
Rua da Boa Vista, 34, 38.
Calçada da Tapada, 87.
Rua do Comercio, 33, 41.
Rua Leandro Braga, 32.
Chiado, 37, 51.
Quinta do Almosquer em Sintra.
Grupo de predios com quinta na calçada do Carriche, (muito barato).
Calçada de Santo André, 85.
Travessa dos Inglesinhos, 13, 21.

Calçada do Sacramento, 14, 1.º
TELEFONE C. 498

"DIARIO DE LISBOA" {Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

OPINIÃO DE LLOYD GEORGE

Só houve uma dificuldade em Haia

Não se verificará o fracasso

LONDRES, 17

Lloyd George declarou na Camara dos Comuns que não tinha nenhuma confirmação oficial do fracasso da Conferencia de Haia. O primeiro ministro disse que havia surgido uma dificuldade e nada mais. Esta declaração coincide com a de Litvinoff, o qual disse esperar que a Conferencia não terminasse por as outras nações abandonarem a Russia, e com a do outro delegado que disse a Litvinoff que era preciso não confundir a questão dos creditos com outras; para os ceder basta que a Russia reconheça as dividas e ofereça garantias de segurança aos proprietarios.— (Diboa).

O governo alemão

aconselha os industriais a fornecerem-se de carvão estrangeiro

BERLIM, 17

O governo alemão aconselhou os industriais alemães a adquirirem a maior quantidade possivel de carvão estrangeiro. Este carvão será isento de qualquer imposto.

Esta medida torna-se necessaria em virtude das grandes quantidades de carvão que a Alemanha tem de entregar aos alemães aos aliados a titulo de reparações.—*(Diboa)*

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

NÃO ESQUECER!!...
Os fatos em Paletot e Jaquetão, Fardamentos, Calças, Coletes de Fantasia, Casacos de alpaca. Sobretudos e outros agasalhos que ha feitos e se executam por medida na
CASA DAS TESOURAS
51, 51-A, R. E. Politecnica, 53, 55

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

ORDEM PUBLICA

HA 30 PRESOS

por motivo do movimento gorado

Três prisões por causa de um foguete

O dr. João de Castro encontra-se, ainda incomunicavel, num gabinete da Policia de Defeza Social. Seu irmão está no quartel de Campolide. Hoje ainda não lhes será levantada a incomunicabilidade.

* * *

Nos quartos particulares do governo civil está o sr. José Duarte Costa que hoje nos disse:

— Seguia com meu irmão Alvaro, na rua Marquês da Fronteira, quando encontrámos o alferes Mario da Costa Pires e José Osorio de Oliveira. Nessa ocasião, surgiu o chefe da Policia de Defeza Social, Zeferino da Silva, que me disse:

— Nunca mais tens juizo!...

Prenderam-nos, e fui levado para os Terramotos e dali para o gabinete da P. D. S.

— Já foi acareado com o dr. João de Castro?

— Não. Nem devo sê-lo. Ele assumiu todas as responsabilidades do movimento, com o qual eu nada tinha...

* * *

São 30 os individuos presos como implicados no movimento gorado.

* * *

Em esquadras policiais, encontram-se tambem presos os srs. Julio Coimbra, redactor d'*A Situação*, e João Rodrigues da Cunha.

* * *

Por terem atirado esta madrugada, dum automovel onde seguiam, um foguete, em frente da esquadra da Mouraria, encontram-se presos e entregues á policia de defesa social os srs. Zacarias Fernandes, Carlos Martins e Germano Luis da Silva.

* * *

Segundo nos informou o chefe da policia de defesa social, sr. Zeferino da Silva, as investigações referentes á tentativa revolucionaria do dia 8 devem estar concluidas dentro de três dias.

A prisão do capitão de fragata sr. Afonso de Cerqueira

Continua preso, a bordo do cruzador *Vasco da Gama*, á ordem do sr. major general da armada, o comandante do transporte de guerra *Pedro Nunes*, capitão de fragata sr. Afonso Julio de Cerqueira, que, como a imprensa noticiou, se recusou a receber a bordo do seu navio um sargento telegrafista que ali havia sido mandado apresentar pelas estações competentes. Consta que o imediato do transporte, capitão de fragata sr. Isaias Dias Newton, tambem vai ser preso, visto ter-se tornado solidario com o comandante Cerqueira. Ao sr. Newton foi já ordenado que entregue as funções de imediato do *Pedro Nunes* ao capitão-tenente sr. João Baptista de Barros.

Vai ser nomeado um oficial para levantar o competente auto.

ALTO-ESTORIL

Casa mobilada, 12 divisões, agua, electricidade, belo local com vista do mar, jardim, etc., aluga-se.

Informações: Lino Banheiro, Estoril, ou Rua S. Paulo, 75, Lisboa.

A bordo do "Curvelo,,

regressaram hoje os jornalistas do "Seculo,, e "Diario de Noticias,, que foram fazer a reportagem do "raid,,

A's 12 horas fundeou em frente do Posto de Desinfecção o paquete brasileiro «Curvelo», que trazia a bordo muitos passageiros. Pouco depois passou em frente do Posto de Desinfecção um barco com grande numero de empregados da administração do «Seculo», que ia a bordo do «Curvelo» buscar o subdirector daquele jornal sr. Tito Martins.

O CONFLITO DA SEMANA

O TRIBUNAL DE DEFEZA SOCIAL

O seu presidente, sr. dr. Joaquim Crisostomo, que concedeu uma entrevista ao «Diario de Lisboa»

VAI PROPOR A SUA EXTINÇÃO

Cada semana tem um caso. O desta é um conflito que se travou entre o sr. dr. João Crisostomo, juiz do Tribunal de Defesa Social, e o dr. Ferreira de Sousa, que trabalha como vogal.

O juiz tem sido atacado por varios jornais e até por um que é monarquico. Ora isto admirou o sr. dr. João Crisostomo, que pugnou pela amnistia e que lançou o problema —palavras textuais— quando o sr. Bernardino Machado foi chefe de governo com Alvaro de Castro, na guerra.

O meu jornal é imparcial. Mandou-me ouvir o sr. dr. João Crisostomo. Fui acompanhado.

Iamos a caminhar pelo assunto, quando o sr. dr. João Crisostomo, sem preambulos, se entreteve a ler uma carta que já vem impressa e que estava convenientemente anotada, a tinta: a sua defesa.

* * *

A entrevista, tal como a quiz o sr. dr. João Crisostomo:

—Julgo do meu dever não ficar silencioso perante a campanha que alguns jornais me estão fazendo, com o fundamento de eu ter declarado, no julgamento do detentor duma bomba, que assignava vencido o acordão por se provar que o reu procedera sem intenção criminosa...

—Mas houve quem dissesse que V. Ex.ª queria chamar a atenção do operariado sobre determinado vogal...

—Ora adeus!

O sr. dr. João Crisostomo alçou os dedos gordos e com a mão esquerda metida no bolso das calças, declarou:

—Era como se eu provocasse um individuo e puzesse dois á frente para não apanhar um tiro...

—Muito bem.

—O que eles querem, nas minhas multiplicas funcções de cidadão, é prejudicarem-me...

—Querem ir para o seu logar...

—Ah, isso não! Ninguem... Nunca andei com um policia atraz de mim, nem paisano, nem fardado... Ao principio trazia uma pistola, mas, como ela me rasgava o bolso das calças, não as quiz sacrificar... Vou para toda a parte, Coliseu, animatografos, teatros... Saio sempre á mesma hora...

A entrevista oficial:

—Nas decisões dos tribunais colectivos em que cada juiz é obrigado a emitir o seu parecer, são lidas publicamente e estão patentes no cartorio para quem as quizer lêr.

—O reu tinha importancia...

—Não! Nenhuma! Perante os grandes julgamentos os *veridictums* do juri têm sido sempre unanimes... Eles sabem isso... Você conhece, o movimento operario está parado... Êles foram derrotados... Só na greve dos electricos foram para a rua 500 operarios... Os retratos deles estão na Confederação Patronal—isto diz o sr. dr. João Crisostomo, sinceramente compungido. Ainda outro dia um rapaz conseguiu empregar-se como cobrador dum banco... Viram-no...

—No retrato...

—... E foi para a rua...

—O que a mim me custa a julgar são os vadios...

—Se eles o são...

—Mas não vão para o tribunal convencidos disso... Os de furto sabem que estão incursos na lei... Mas os outros? Depois são a escoria fisica e moral, temos que os julgar com o coração nas mãos...

O sr. dr. João Crisostomo ordena o seu processo de defesa.

—Em qualquer julgamento, segundo o art. 1074 do codigo do processo, os acordãos serão sempre fundamentados, datados e assinados, devendo os juizes que assinarem *vencidos*, faze-lo com essas *declarações*.

Interroga-se o sr. dr. João Crisostomo numa ansia hamletica.

—Que ha pois de estranhavel que um juiz, num julgamento crime, depois de *lêr a decisão*, donde consta qual foi o seu voto, declare que foi vencido, por entender, á face da prova, que o reu procedera sem intenção criminosa?

Mas ha mais. O sacrificio do sr. dr. João Crisostomo, palpavel para todas as pessoas que privam com ele de perto:

—Representa para mim um grande sacrificio desempenhar as funções de presidente do Tribunal de Defeza Social...

—Mas porque é que v. ex.ª não sai...

—Se quizesse, não ia lá. Para o Senado... Mas vou, porque tenho bom coração... Não posso ver ali gente dois e três meses presa... Nem por isso ganho mais... Sou das pessoas que em Portugal não teem medo...

—Mas quere sair?

—Já requeri mais de uma vez a colocação no quadro da magistratura, a que tenho direito.

Além do exposto o sr. dr. João Crisostomo ganha menos que qualquer juiz de carreira.

Um periodo mais da entrevista oficial:

—O que se observa neste incidente não passa dum pretexto para dar expansão aos sentimentos *nobres* dos que me consideram um entrave á realização das suas desmedidas ambições.

(Todos os italicos não são nossos.)

O sr. dr. João Crisostomo dá-nos de presente um projecto de lei que tenciona apresentar no Senado, extinguindo o Tribunal de Defesa Social. Nele propõe-se a colocação do juiz. Os vogais passariam a delegados de *3.ª classe*.

Estamos no patamar da escada. Os seus colarinhos, atafulhados de pescoço, relampejaram. Apertos de mão. Um homem aparece:

—Sr. juiz: o dr. Ferreira de Sousa manda pedir dois processos para estudar e que marque audiencia para 5.ª feira...

—Ele já não está zangado?

—Diz que não tem nada com os jornais...

Para os jornalistas:

—Ora esta!... Ora esta!... Sou um homem bom, muito bom... Faça favor onde está «delegados de *3.ª classe*», altere para «*1.ª*», ouviu?

—Que bela alma!

—E diga, diga que naturalmente ha julgamento na quinta feira...

E o sr. dr. João Crisostomo continuou despachando, no alto da escada, nesta altura, alto de mais para funções tão pequenas.

CONFERENCIAS

Houve hoje demorada conferencia entre o sr. ministro das Finanças e os seus colegas dos Estrangeiros e do Comercio.

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Lenhas, cortadas e serradas

CARVÃO DE COKE INGLÊS, PARA COSINHA E FUNDIÇÃO

ENTREGAS NOS DOMICILIOS POR PESSOAL NOSSO, SACAS COM 50 KILOS, SELADAS

Distribuição nas linhas de Cascais e Sintra

RAUL VIEIRA, L.DA

RUA DA PRATA, 51 — TEL. 3586 E 2194 C.

NOS DEPUTADOS

EM HOMENAGEM

ao dr. Aurelio da Costa Ferreira

Uma pensão de três mil escudos á viuva

Na ordem do dia de hoje figuram alguns projectos já conhecidos e uma proposta mandando recolher ao Parque Automovel Militar todos os autos ligeiros e motos existentes nas unidades e estabelecimentos militares do Ministerio da Guerra.

* * *

Continuam em discussão os projectos que dizem respeito ao alargamento da rêde ferroviaria.

* * *

O sr. dr. Domingos Pereira propõe que se consigne na acta um voto de sentimento pela morte do eminente sabio dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira. Associam-se a esse voto os srs. dr. Alves dos Santos, João Luís Ricardo, Carvalho da Silva, Pires Monteiro, Dinís da Fonseca e o sr. ministro do Trabalho que envia para a mesa o seguinte projecto de lei:

«E' concedida á viuva e filhos do malogrado director da Casa Pia, com sobrevivencia de uns para outros, a pensão anual de três mil e seiscentos escudos, paga em duodecimos, e autorizado o governo a fazer a trasladação para a metropole e por conta do Estado, do cadaver do dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira.»

Este projecto foi aprovado, sem discussão, por todos os lados da Camara. São 17 horas. A sessão foi suspensa por dez minutos em sinal de pezar.

Uma questão comercial

A'cêrca do caso ocorrido na casa Muñoz, da rua da Madalena, informam-nos de fonte fidedigna, de que não se trata dum furto, praticado pelo sr. Alfredo Gonçalves Mendes, mas sim dum levantamento (mediante recibo assignado e selado) de esc. 40.500$00, por conta das suas percentagens num total de esc. 49.353$07, conforme balanço encerrado em 31 de julho de 1921, isto além das percentagens referentes ao ano de 1921-1922, computadas em 15 a 20.000$00, percentagens estas que pertencem ao sr. Mendes, por escritura celebrada no cartorio do dr. Noronha Galvão, e firmada em 17 de Agosto de 1920, sendo por esta razão uma questão puramente comercial, para ser derimida no tribunal do Comercio, e não por qualquer outra via, como alguem pretendeu.

CAMBIOS

Dia 17

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	65$000	67$000
Londres, cheque	4 11/16	1
» 90 d. v.	—	—
Rio Londres	7 15/32	—
Paris	1$061	1$078
Itália	$610	$620
Bélgica	1$040	1$050
Suiça	2$520	2$592
Espanha	2$050	2$094
Berlim	30	32
Holanda	5$152	5$234
Nova-York	13$300	13$610
Austria	1/2	1 1/2
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$250	1$350

Grande roubo

Em referencia ao anuncio do jornal «O Seculo» do dia 16, «Grande roubo», os srs. Francisco de Oliveira Lourenço e seu pai, o sr. Manuel Lourenço, nele difamados, vão chamar á responsabilidade efectiva os autores do mesmo calunioso anuncio.